

HERÓIS DA TERRA

Um Portugal cada vez mais distante rejuvenesce em «Megafone 3», o volume mais recente de um percurso comprometido entre a tradição e a inovação que João Aguardela encetou há cinco anos.

EURICO NOBRE

«Acho que isto é uma coisa que já vem de trás», confirma João Aguardela sobre a intimidade que tem partilhado com o seu Megafone. «Até determinada altura as minhas referências foram as referências de todas as pessoas da minha geração. O que ouvimos na rádio e o que vimos na televisão.» Até que acabou por tropeçar na música tradicional. «Tinha ideia do que era o folclore, do que era já uma geração de música popular com a qual eu me identificava bastante – o Sérgio Godinho, o Fausto, o José Mário Branco... –, mas de repente cheguei à origem, à fonte disto tudo. Foi a partir daí que percebi o que se passava comigo.» Um clarificar de algo que, ainda que inconscientemente, explica, lhe era muito próxima. «Temos de voltar um bocadinho aos Sitiados. Quanto cantava ou escrevia, havia toda uma série de melodias que me remetiam para alguma referência. Não era uma coisa muito estruturada porque eu não sabia de onde é que aquilo vinha mas era uma coisa quase genética.» Até que se fez luz com a descoberta das recolhas de Michel Giacometti. «As coisas fizeram bastante sentido e a partir daí, em termos pessoais, tem sido uma espécie de um percurso reinventado.»

Um espaço de acção materializado no projecto Megafone... Seu músico e



no projecto Megafone: «Sou músico e digamos que quero inventar para mim uma identidade com a qual me sinta perfeitamente à vontade, tanto com as referências de música tradicional como com aquilo que ouvi nos últimos 20 ou 30 anos.» Simultaneamente tão perto e tão longe, explica, danço muito de si mas sem ter de se expor ou revelar. «Ou seja, nestes megafones não ter de ser eu, ou a minha voz, o veículo de expressão da minha tradicional. Quis sim pegar nos fragmentos dessas gravações que já existem e construir algo de novo.» É aqui que se sente bem. «Se calhar ainda sou de um período em que o arraial e a festa popular ainda estavam muito presentes», diz.

LABORATÓRIO EM CAMPO ABERTO

Mas à distância, talvez. Pelo menos rio que diz respeito ao trabalho de recolha, que aprecia mas não o motiva. «O que eu consigo fazer é isto: juntar essa vertente genética que existe em mim, de tradição, daquilo que eu sou, do resultado de todas as pessoas que cantaram e tocaram neste país e deixar-me também levar pelo outro lado das coisas que ouvi. Por muito que gostasse não conseguiria encarar isto de uma forma pura mas também não acho que tenha de ser por aí.» E aponta uma pista: «Uma vez perdido o contacto com a tradição, já só temos uma alternativa que é pegar nesses fragmentos e reinventamo-nos numa nova personalidade musical portuguesa, que passa por isto e por todas as experiências que possam ser feitas neste campo.»

No seu caso, via um processo muito «artesanal». «Faço tudo em casa. O disco só tem de ir à fábrica, mas isso até o trabalho de olaria teria que ir ao for-



MEGAFONE

«Megafone 3»

A Pérola Negra Discos



EM TERMOS DE PRODUÇÃO CULTURAL AS COISAS TÊM DE DAR A VOLTA. ESTÁ NA ALTURA DE VOLTARMOS AS PEQUENAS ESTRUTURAS.»

Tim tim por tum tum

Com Giacometti na linha do horizonte e uma «portugalidade» inata, assim segue a terceira ampliação, reinterpretação, recontextualização da música (ou excertos dela) tradicional proposta por João Aguardela sob a batuta do seu Megafone. Um volume três que apesar do primeiro impacte visual – a abordagem gráfica é agora menos tradicionalista e mais expansiva -, pouco

acrescenta ou deve aos dois anteriores já que apesar de partilharem um mesmo objectivo e laboratório, todos assumem personalidades distintas. Este com uma particularidade, de resto descrito pela próprio na entrevista ao DN: cada canção apresenta, como introdução, o seu fragmento original. Ou se se preferir, um mote, a inspiração que a motivou a ser como se apresenta. Com isso abre-se um espaço para outras interpretações, uma liberdade partilhada entre quem concretizou este trabalho e quem o irá ouvir.

Sugerem-se desta forma abordagens e ambientes tão distintos quanto as sugestões que esta, só por acaso, volta a Portugal de lés a lés (com expressão desde a Madeira ao Alentejo), possa ter

indiciado. E mais que a sua base de recolha ou os seus adornos de ritmos dançáveis, é da interacção entre tradição e tecnologia, na forma como aqui se apresenta, que resulta este sentimento de complicitade. Divertido ou sentimental, campestre e religioso, expansivo ou reservado, em «Aboio» ou em «Lavrar», o todo sobrepõe-se às partes, com a surpresa à espreita a cada momento que se segue de «Megafone 3», um registo ao qual o perfil experimentalista não amputa a vertente documental. Mesmo sem sair de casa, há mais um pretexto para ir para fora, cá dentro. Um hino a Portugal, no seu melhor! E.N.

ro.» Editado em selo próprio, A Pérola Negra Discos, que reparte com Luis Varatozoso e Vítor Fernandes, há muito que concluiu que o Megafone só assim faria sentido. Numa multinacional ficaria descontextualizado «porque tem de chegar a outras pessoas e tem de chegar de outra maneira.» Ou, por outras palavras, o disco funciona quase como mostras do seu trabalho enquanto artesão.

Essa é também a filosofia pela qual se rege a editora que fundou. «Acho que em termos de produção cultural as coisas têm de dar a volta por esse lado. É altura de voltarmos às pequenas estruturas porque nas grandes existe cada vez menos saída.»

UM, DOIS, TRÊS

Embora tendo na origem uma mesma base, os três volumes até agora editado pelo projecto Megafone, pautam-se por personalidade distintas. As diferenças, materializadas em palavras, remetem menos para a forma e mais para o conceito imputado a cada um. «No primeiro disco quis ser brutal. Independentemente de estar a usar loops de house, de jungle ou de outra coisa, quis que esses loops tivessem uma crueza que me permitisse um melhor encaixe com a música de raiz, a música tradicional, que também tem essa crueza. No segundo acabei por abrir a experiência, não por mim mas pelas pessoas que se acabaram por envolver no projecto. Inclusivamente houve coisas fei-

tas pelo Richard e pelo Jorge Buco, independentes quase.» Finalmente, no terceiro, a cedência ao luxo de ser mais exuberante. «De construir mais as coisas, de deixar suggestionar mais pelas melodias, apresentando-as às pessoas num primeiro momento e depois desenvolver o trabalho durante o tema. É mais completo nesse sentido, mas não sinto que tenha feito os outros dois discos para chegar a este. Sempre fiz cada um com um objectivo diferente.»

Pedaços de história renascida em momentos determinados - «Oderia ter outros ambientes se fossem feitos por outra pessoa ou por mim naquela altura» - que o acabaram por conduzir numa volta a Portugal. «Desta vez apanhei bastantes coisas da Madeira, mas não sei porquê. Nesse aspecto também sou bastante intuitivo: escolho as coisas que à partida me chamam mais a atenção, que mexem comigo, que têm alguma coisa que acho engaçado desenvolver. Não ando à procura de fazer um mapa de Portugal em disco.» Mas seguramente tem a certeza de não ficar parado no mesmo sítio. «Esta é uma forma de fazer as coisas que me dá muita liberdade.» E os Sitiados? «Estão parados. Chegou a uma altura em que não havia uma ideia e eu nisso sempre tive uma tendência quase religiosa: se não há uma ideia para experimentar, não vale a pena. É melhor aguardar.» À Aguardela? «À Aguardela...»

eurico.nobre@mail.com